

## MEDEIA E O SEU DISCURSO NA TRAGÉDIA

Darcylene Pereira Rodrigues

**RESUMO:** O presente trabalho se dedica a discutir a utilização de um discurso trágico no interior da tragédia Medeia de autoria de Eurípides no ano de 431 a. C. Nesse sentido, afirmamos inicialmente que a personagem feminina principal apresenta em diversos momentos da peça teatral um domínio sobre a deliberação de seus atos e principalmente o planejamento de suas atitudes contra Jasão. Além disso, Medeia também faz uso de dois tipos de fala: uma predominantemente feminina para conseguir a aproximação do Coro, formado pelas mulheres moradoras da cidade de Corinto, e uma fala de ação, que pode ser descrita como masculina e de reconhecimento. Portanto, nosso interesse é analisar o discurso de Medeia e o seu *lógos* durante a encenação.  
**PALAVRAS-CHAVE:** Medeia; Tragédia; Discurso.

## MEDEIA AND ITS SPEECH IN TRAGEDY

**ABSTRACT:** The present work is dedicated to discussing the use of a tragic discourse within the tragedy Medeia authored by Euripides in the year 431 BC. C. In this sense, we initially affirm that the main female character presents in several moments of the play a mastery over the deliberation of her acts and mainly the planning of her attitudes against Jasão. In addition, Medeia also uses two types of speech: a predominantly female one to bring the Choir, formed by women living in the city of Corinth, closer together, and an action speech, which can be described as masculine and recognition. Therefore, our interest is to analyze Medeia's speech and its *logos* during the staging.  
**KEYWORDS:** Medeia; Tragedy; Speech.

### *Introdução:*

A presente pesquisa demonstra um pequeno recorte da dissertação de mestrado intitulada Navegando pelas águas trágicas: voz feminina e relações de parentesco em Medeia de Eurípides defendida em 2019. Nesse sentido, utilizamos a tragédia Medeia escrita em 431 a.C como a principal fonte de análise e assim nos debruçamos especificamente aos diálogos entre o masculino da peça teatral e a personagem principal, Medeia. Assim, nesse trecho desejamos demonstrar como a poética entre os personagens é desenvolvida e especificamente qual o posicionamento do herói trágico.

Em relação ao tratamento que o masculino na tragédia possui perante Medeia observamos um nítido contraste, uma vez que os três personagens masculinos (Creonte, Jasão e Egeu) estão em diferente situação nesse enredo. Creonte, desde o princípio, quer retirá-la da convivência da *pólis*, ele adentra no primeiro episódio com a certeza da

expulsão e que essa sua atitude afastaria terríveis problemas, pois ele não confia em Medeia. Por outro lado, Jasão, o masculino que mais conhece a potência da personagem feminina, lhe recrimina por não manter-se em silêncio.

Esperando uma atitude contida de sua ex-mulher, fato justificado, uma vez que, “qualquer iniciativa tomada activamente por uma mulher só pode ser do domínio da sedução, da feitiçaria, do despudor. A esposa deve limitar-se a uma passividade que consente, a uma adequação sistemática ao modo de vida do marido” (SISSA, 1990, p. 118). E o personagem Egeu adentra cenicamente para proporcionar um final para a princesa Medeia que necessitará de um local de refúgio, não acrescentando um posicionamento decisivo para a tragédia.

### *Medeia e o Masculino*

Os personagens masculinos se posicionam diferentemente, porém produzem um discurso marcadamente androcêntrico em relação a Medeia, pois esse discurso visava à opressão do feminino no interior da *pólis*, “uma vez que ele convence a mulheres de sua incapacidade, de sua inferioridade e de fragilidade perante os homens no geral” (SILVA, 2011, p. 87). Esse posicionamento é perceptível até mesmo no personagem Egeu. Como dito anteriormente não acrescenta muito ao enredo, porém o fato de Medeia lhe pedir um juramento perante aos deuses, para fortalecer a sua promessa, demonstra o nítido desnível social existente entre o masculino e o feminino no interior da cidade.

Estruturalmente a tragédia divide cada episódio para a entrada de determinado personagem masculino, e cada um deles corrobora na representação teatral de maneira distinta. Iniciamos com o personagem Creonte, que já no início do primeiro episódio é anunciado pelo Coro de Coríntias: “Mas vejo chegando Creonte, desta terra o rei e dos novos planos o mensageiro” (vv. 269-270). O rei se dirige até a frente do *oikos* da personagem Medeia para lhe comunicar a respeito da sua expulsão da *pólis*. Assim, observamos que a preocupação com a retirada da personagem se torna algo primordial para o masculino, uma vez que, é o próprio rei que pronuncia o discurso do exílio já nos primeiros versos. E em suas falas Creonte demonstra e reconhece a potência de Medeia, tanto em suas falas como em suas atitudes, por isso afirma ter medo pois ela teve seu leito ultrajado e é impulsiva como macho.

Falas docuras de ouvir, mas no fundo  
me dá horror que trames algum mal.

Por tais coisas fio menos em ti:

**és mulher, impulsiva, tal qual macho,**

porém, é mais fácil vigiar um sábio calado. (*MED* vv. 316-320)[grifo nosso]

Consequentemente, por temor ele deseja retirá-la da convivência da cidade para que nenhum mal possa ocorrer a sua filha. Dessa forma, o primeiro personagem masculino no interior da tragédia de Eurípides reconhece o processo deliberativo na personagem, além do poder de decisão que Medeia apresenta durante sua trajetória pessoal (vv. 282-291 e 316-323). Creonte identifica uma ameaça, mesmo quando a chama de louca, pois ele reconhece em Medeia que ela desborda o feminino ousando falar. O rei afirma a impulsividade da personagem, pois ela não se apresenta como uma mulher contida, algo representado no Coro. Pelo contrário, Medeia se apresenta a busca por um espaço de reconhecimento numa sociedade androcentrica, algo inconcebível para o masculino, por isso Creon deseja controlá-la retirando-a da *pólis*.

Nesse instante Medeia se utiliza de um discurso própria da mãe preocupada com os filhos e principalmente com o futuro da família, por isso ela afirma perante Creon:

Mas me deixa ficar só mais este único dia,

para organizar a cabeça quanto ao exílio

e a segurança dos meus meninos, já que o pai  
prefere não preparar nada para os filhos.

Tem dó! Tu também és pai! Tens teus

filhos! Por isso mesmo, tem boa vontade!

A preocupação não é por mim, é se escapamos!

E choro por estes, os fadados à desgraça! (*MED* vv. 340-347)

O argumento utilizado pela personagem é característico do feminino, pois ela evidencia o seu amor materno e a preocupação com seus filhos para conseguir um convencimento concreto de Creon. Medeia assume assim neste momento uma posição meramente formal utilizando a sua funcionalidade, gerar filhos, justamente para ganhar tempo. Ela produz um discurso reconhecido como retórico, pois o que ela deseja é convencimento do rei para chegar a uma finalidade maior. Assim o rei cede ao pedido da princesa que suplica mais um dia para organizar sua partida, acreditando ter realizado uma ordem tirânica no princípio, assim deixando Medeia ficar.

O personagem masculino que possui maior participação no enredo trágico é Jasão e no segundo episódio ele é afrontado diretamente por Medeia que afirma ter ampla participação em todas as suas conquistas:

Mas, de qualquer forma, pela minha salvação  
**mais recebeste do que deste**, isto vou provar;  
em primeiro lugar, em vez de chão bárbaro  
habitas a terra grega, conheces a justiça,  
fazes uso das leis, não do favor da força.  
Todos os gregos notam tua sábia essência,  
teu fama. Se os limites finais da terra  
habitasses, não haveria palavra sobre ti. (*MED* vv. 534-  
541)[grifo nosso]

O herói argonauta nessa situação precisa se defender e para tanto arquiteta uma resposta de retorno para Medeia, retirando toda a sua participação dos feitos mitológicos e lhe atribuindo autovalor. Nesse sentido, segundo Swift (2017) o interesse de Jasão nesse momento é demonstrar a superioridade dos gregos perante os bárbaros, enfatizando o estereótipo de que os bárbaros não reconhecem o estado de direito por isso ele desqualifica a participação de Medeia, tentando inferiorizá-la. Além disso, alega que lhe retirou de terra bárbara e que atualmente a princesa se encontra em melhor situação, em local civilizado (vv. 522-575). Segundo a autora citada Eurípides não teria construído gratuitamente esse posicionamento no personagem Jasão, uma vez que, ele usa uma retórica familiar para os gregos, contudo o público observa a sua tentativa de encobrir sua culpabilidade nesse discurso.

Jasão, ao retirar a total participação de Medeia de seus atos, lhe atribuí uma autoridade de homem perante a princesa. Ele articula a sua fala a partir de experiências que afirmam ser representativas dos humanos como tal, ou seja, exclusivamente homens. Ele se coloca como um sujeito que engloba e dá sentido às falas de Medeia, por isso ela é vista pelo masculino como num estado de semiconsciência, quase infantil. Jasão, dessa forma, tem um olhar pragmático a respeito de Medeia, visando assim a sua funcionalidade, o utilitarismo da mulher ao contrário do esperado pela princesa, algo que se fundamentaria em *philia* e no acordo recíproco.

A conduta que Jasão espera da personagem é o silêncio e a submissão, por isso afirma que são as próprias palavras de Medeia que lhe expulsaram da *pólis*. Dessa forma, se tivesse comportamento feminino esperado pelo masculino em Atenas, principalmente, não teria sido exilada, continuaria na cidade com seus filhos vivendo à sombra dessa sociedade masculina. Contudo, quando Jasão esperou esse tipo de atitude de Medeia se equivocou, uma vez que, ele é o masculino que mais conviveu com a personagem, desejou uma atitude que ela nunca teve, passividade. Esta decisão fundamenta a ação dela, para Jasão que familiarizado com as práticas masculinas de tratamento do feminino não percebeu o sentido para Medeia de seu abandono. Ele a tratou como uma mulher grega e enganou-se.

Além disso, Medeia até o monólogo (vv. 870-905) recusa-se a desempenhar o seu papel de mãe, mas revela que compartilha parcialmente do raciocínio ético que molda a concepção de maternidade para Jasão. Assim, como nos demonstra Given (2008) ela rejeita a concepção de felicidade de Jasão, pois para ela, a vida familiar não está fincada na prosperidade material, mas sim, correlacionada a demandas recíprocas, de *philia*. Por isso, ela cobra uma posição honrosa do marido que deveria exaltá-la depois de todos os feitos. Contudo, Jasão não consegue lhe atribuir sentimento de *philia* pois Medeia é mulher, e dessa forma não se apresenta em nível de igualdade a ele, um homem. Dessa forma ocorreria nessa situação segundo Muller (2008) uma violação de *philia* por parte de Jasão e além disso “amizade é uma coisa, relação por casamento, outra” (KONSTAN, 2005, p 78).

Durante a discussão do casal, Jasão realiza uma afirmação a respeito da procriação de filhos no interior dessas relações de parentesco que cercam a sociedade ateniense:

Preciso era mesmo que viventes de outro modo  
crianças gerassem e que não houvesse raça feminina.

**Só assim não haveria mal nenhum para a humanidade** (*MED*  
vv. 573-575) [grifo nosso]

Jasão não deseja para si a posição de mãe, mas sim ter filhos pois isso era considerado bom além do reconhecimento social e da continuação da memória da sua família, contudo essa situação tinha uma contrapartida, conviver com as mulheres. Este é o problema do masculino, conviver com alguém que aos seus olhos, naquela época, era

totalmente incompreensível por isso controlado/funcionalizado. Loraux (1985) corrobora que para a sociedade grega a raça das mulheres era uma praga insuportável tanto na prosperidade como na desgraça. Assim, segundo Silva “para os homens, portanto, a mulher é um mal necessário, levando em consideração que sem ela não há procriação, geração de descendência” (SILVA, 2017, p. 44)

O interesse do masculino em manter uma linhagem considerada legítima e principalmente aceita pela *pólis* é algo fundamental no interior dessa sociedade cívica, uma vez que, os filhos são considerados pertencentes ao pai, porém necessitavam biologicamente das mulheres para essa função. Nesse sentido, “só o nascimento do primeiro filho dará o nome reservado às mulheres completas, quando pai, tendo-o tomado nos seus braços e dado com ele uma volta à lareira, reconhecerá nele um filho semelhante a si, ou, se for uma filha, a promessa de futuras alianças” (ZAIDMAN, 1990, p. 448).

Nessa perspectiva, durante a tragédia de acordo com a tradução “Medeia não mata seus filhos, ela mata todos os correlatos que determinam a relação matriz e filial: os herdeiros, a prole, os rebentos, frutos, crias, a estirpe, os descendentes” (TRUPERSA, 2013, p. 38). Ela era pertencente a essas relações cívicas de produção de filhos para cidade, entretanto ela abandona a sua condição de mãe e esposa e ressalta sua posição de mulher quando decide ter um posicionamento deliberativo na tragédia. Para o modo de pensar ateniense as crianças que deveriam enterrar seus pais, e não os pais seus filhos. E para Jasão é negado até mesmo a oportunidade de enterrar os seus, conforme Cairns (2017) porque Medeia destruiu a sua casa e o contrato entre as gerações. Segundo o autor os adultos cuidam das crianças para posteriormente as crianças cuidarem dos mais velhos, um contrato que instaura e depende a continuidade dos filhos. Contudo, nesse caso a família se despedaçou, Jasão não terá ninguém para manter viva a sua memória, parte do culto da família e para que isso acontecesse Medeia se certificou de todos os lados, matando a futura esposa juntamente com a possibilidade de nova descendência, os filhos já existentes e deixando Jasão com um miasma jamais esquecido. Filhos homens já reconhecidos pelo pai e pertencentes a Jasão na perspectiva patrilinear grega, em suma Medeia lhe retira um futuro junto aos seus.

A preferência na busca de uma união considerada legítima se expressa como um interesse masculino, quando Jasão decide esposar a filha de Creon, ele busca uma nova aliança dentro da sociedade *políade*, em que está inserido, em completo detrimento de

sua antiga aliança. Seus interesses particulares e masculinos são evidentes em sua fala no segundo episódio característico pelo embate dos personagens:

Obstino-me em propiciar aos filhos irmãos,  
**reunir estirpes, congregar**  
**as duas numa. Eis como prosperamos.**

A mim convém que os filhos do  
futuro auxiliem os que hoje vivem. (*MED* vv. 563-567)

Jasão espera nesse sentido que Medeia mantenha um comportamento condizente com o adequado, ou seja, aceitando o seu compromisso oficial com a princesa da cidade que visa claramente o seu favorecimento mantendo-se assim, em silêncio. Entretanto, estamos falando sobre Medeia, uma mulher com comportamento deliberativo com *métis* reconhecida e estrangeira, o oposto do ideário grego. Nessa perspectiva oposta encontramos, “Penélope, por sua vez é a representante máxima desse ideal de mulher, a recatada, casta e silenciosa esposa que espera, incólume, a volta do marido Odisseu da guerra de Troia” (SILVA, 2017, p. 42).

Ele não questiona o sentimento dela, mas sim sua audácia em exigir respeito no interior de um acordo que ela pensou ser válido para os dois, por isso ele recrimina as atitudes lamentosas de Medeia:

A tal ponto chegais, mulheres, que  
com uma cama arrumada julgais tudo ter  
mas se, algum infortúnio pra cama acontece,  
a coisa mais desejável e mais bela vira a mais hostil (*MED* vv.  
569-572)

E, acima de tudo ele não compreende a dor do abandono, não dimensiona o repúdio que ele gera, uma vez que isso simboliza a exclusão do feminino naquela sociedade. Sob esse ponto de vista Medéia teria morrido de desespero se não tivesse se tornado Medeia, se não tivesse se encontrado, no momento da maior humilhação que pode acontecer a uma mulher abandonada. Essa exclusão social não ocorre no caso do masculino, uma vez que, o homem se expressa no público, não necessitando do feminino para existir nessa esfera social. Como nos demonstra Rubin (2017) os interesses do feminino não contam nos acordos masculinos, dessa forma elas não tem lugar e nem voz,

por isso Jasão não compreende a tentativa de participação e reconhecimento que Medeia deseja

Logo, como exposto acima, o interesse do masculino é ter uma linhagem considerada grega e legítima, segundo Vrissimtzis “para um cidadão, o principal motivo de se casar era o de vir a ter filhos do sexo masculino que assegurariam a continuação da família e cuidariam dele na velhice” (VRISSIMTZIS, 2002, p. 44). Dessa maneira, o casamento é visto como um acordo entre homens que decidem parentescos, esse acordo, para ser considerado válido dentro da *pólis*, depende de duas condições: a *engýsis* (garantia), que poderia ser definida como um contrato entre o masculino e a *ékdosis*, a entrega da noiva à família do noivo, à vista disso “somente o casamento que tivesse cumprido essas formalidades poderia assegurar todos os direitos civis e políticos aos filhos provenientes de tal união” (VRISSIMTZIS, 2002, p. 42).

Deixando evidente seu interesse em manter uma linhagem legítima e reconhecida pela *pólis*. Nesse sentido, o fundamento primordial do casamento que seria, conforme Cairns (2017), a procriação de crianças e a continuação do *oikos* não estaria assegurado nesse caso. Dessa forma, a justificativa de Jasão buscar uma nova aliança no interior da cidade de Corinto revela o seu interesse particular em realizar uma aliança matrimonial legítima deixando de ser hóspede e tornando-se assim de alguma forma pertencente a aquele local. Jasão ao fazer isso quebra com toda a proximidade que possuía com Medeia, em nome daquilo que lhe seria mais conveniente.

Egeu está restrito ao terceiro episódio e tem uma participação pouco expressiva ao enredo principal da tragédia. O personagem do rei de Atenas se apresenta como um fio condutor para as outras peças teatrais que Medeia estaria também envolvida e que foram perdidas ao longo do tempo e também como um possível local de proteção após todos os crimes. Esse personagem masculino, diferentemente dos outros já citados, não espera nenhum tipo de comportamento ou conduta da personagem Medeia. Ele está de passagem pela cidade de Corinto após a visita a um oráculo e a princesa se dispõe a auxiliá-lo no infortúnio de não conseguir ter filhos:

Acabarei com tua falta de filhos e de filhos  
te farei semear gerações! Conheço bons remédios! (*MED* vv.  
717-718).



Para tanto Medeia necessita somente que Egeu realize um juramento utilizando os deuses como testemunha para assegurar a sua proteção após a fuga da *pólis*. Dessa forma, observamos que o personagem masculino aqui citado apresenta um comportamento diferente perante Medeia, se compadecendo com o seu abandono e lhe oferecendo de certa maneira um auxílio final.

Em vista do que foi aludido podemos observar que os homens se comportam de maneira distinta em relação à presença de Medeia durante a encenação. Contudo, eles mantêm um ideário de conduta masculina assim sempre lhe subjugando ou a colocando em nível de inferioridade, em momentos mais marcados ou não. Dessa forma, Creon, Jasão e até mesmo Egeu se consideram superiores a personagem, uma vez que, acreditam serem os responsáveis por decisões que ocorrem durante a tragédia, embora saibamos que simplesmente estão sendo guiados pelos caminhos anteriormente já determinados por Medeia.

#### *Conclusão:*

Em suma, o masculino da tragédia euripídiana se porta de maneira diferente, como brevemente demonstrado e apresentado, no qual foram selecionados os diálogos que apontam diretamente o posicionamento dos homens com Medeia. Assim, não existe uma uniformidade no comportamento desses homens que compõem o espetáculo trágico, uma vez que, cada um corrobora uma característica da personagem Medeia e engrandece a construção cênica de maneira distinta, evidenciando assim o descontrole do feminino, a situação de estrangeira, a falta da pátria, o conhecimento com ervas e a produção de um discurso próprio. Contudo, o masculino num modo geral deseja uma conduta passiva da princesa, uma domesticidade feminina, seja personificado no seu exílio longe da cidade de Corinto, pois não tem meio termo para mulheres que apresentam comportamento igual a Medeia.

Por outro lado, Medeia tem o seu potencial discursivo e de ação reconhecidos antes mesmo de entrar em cena, e suas atitudes são corroboradas pelos masculinos da tragédia que desejam a todo custo retirá-la da convivência ou silenciá-la. A personagem criada por Eurípides para compor sua principal obra teatral não se apresenta como uma mulher enquadrada no modelo *mélissa*, pelo contrário, ela busca autonomia e reconhecimento, algo pertencente ao masculino. Medeia se utiliza da própria deliberação para construir ainda mais a sua situação de estrangeira, mulher abandonada e com filhos

para arquitetar sua vingança e deixar uma marca em todos aqueles que não a reconheceram. Bem como nos demonstra Mueller (2008) afirmando que Eurípides estava dando a sua audiência mais do que uma simples questão a respeito de Medeia ser uma mãe e esposa “ruim” ou “boa”. A peça desafia os espectadores a repensar as fundações do raciocínio sobre a ética e o caráter tanto para o masculino quanto para o feminino.

Além disso, conforme Swift (2017) Medeia combina características que são estereotipadamente femininas com outras surpreendentemente masculinas. Assim sua capacidade de enganar teria sido considerada tipicamente feminina, pois em todas as cenas da peça vemos Medeia manipulando os personagens para alcançar seus objetivos. Medeia expressa as dificuldades de ser mulher, o seu discurso ajuda o espectador a entender porque a sua vingança é justificada, pois ela explica a relevância do casamento para a mulher nesse sistema androcêntrico de sociedade. Ela cumpriu com suas obrigações como esposa, permanecendo fiel e leal a Jasão e, o mais importante, fornecendo a ele dois filhos homens saudáveis, que ele Jasão reconheceu após o sétimo dia, por isso ela enfatiza a sua fertilidade, não deixando espaço para os argumentos do masculino. Jasão não consegue dimensionar o peso da ação de Medeia pois não foi educado para isso, como de resto todos os homens a entender a exigência de reciprocidade no acordo que faz com ela. A relação assimétrica de gênero entre Jasão e Medeia coloca cada um em funções específicas em uma ordem androcêntrica. A estabilidade do casamento é de fato uma questão crucial para as mulheres por isso Medeia nos evidencia através de suas inúmeras falas essa relevância.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:**

*Fonte:*

EURÍPIDES. *Medeia*. Tradução de Trupersa. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

CAIRNS, Douglas. *Medea: Feminism or Misogyny?* 2017

GIVEN, John. *Constructions of Motherhood in Euripides Medea*. 2009

KONSTAN, David. *A amizade no mundo clássico*. Tradução de Marcia Epstein Fiker. São Paulo: Editora Odysseus, 2005.

LORAUX, Nicole. *Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

MUELLER, Melissa. *The language of reciprocity in Euripides Medea*. The American Journal of Philology, vol 22, nº 4. The Johns Hopkins University Press, 2008

RUBIN, Gayle. *Políticas do Sexo*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SILVA, Lisiana Lawson Terra da. *A fabricação androcêntrica do feminino: a construção das relações de gênero como um processo educativo na tragédia Agamenon de Ésquilo*. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Rio Grande. 2017.

SILVA, Luiz Carlos Mangia. *O masculino e o feminino no epigrama grego: estudo dos livros 5 e 12 da Antologia palatina*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SISSA, Giulia. Filosofia go gênero: Platão, Aristóteles e a diferenças dos sexos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres: A Antiguidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1990. 1 v.

SWIFT, Laura. Medea. In: MC CLURE, Laura K. *A Companion to Euripides*. 2017

VRISIMTZIS, Nikos. Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga. São Paulo: Odysseus, 202

ZAIMAN, Louise Bruit. As filhas de Pandora - mulheres e rituais nas cidades. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres: A Antiguidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1990. 1 v.